

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras
de Operas
antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel,**
Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc. x x

MUSICA dos principaes editores — **Edições**
economicas — Aluguel de musica. x

Instrumentos diversos, taes como: **Bandolins, violi-**
nos, flautas, ocarinas, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
 Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
 Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
 Rei d'Inglaterra.— Rei de Hespanha.— Rei da Ro-
 mania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia
 e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —
 Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
 PARIS.—334, Rue St. Honoré.
 LONDON W.—10, Wigmore Street.

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos

CELEBRES **BECHSTEIN**
 PIANOS

Casa Lambertini * Praça dos Restauradores

BERLIM CAROL OTTO BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante—Boa sonoridade—Afinação segura—Construcção solida

BERLIM CAROL OTTO BERLIM



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — A Casa Pleyel. — Primeiro centenário de Alexandre Hereulano. — Curiosidades musicas.
— O theatro lirico do Porto. — Real Theatro de S. Carlos.
— Correspondencia. — Concertos. — Associação de Classe dos Musicos Portuguezes. — Noticiario. — Necrologia.



A Casa Pleyel

Já por mais de uma vez nos occupámos d'esta importante fabrica de pianos, justamente considerada como uma das mais ricas em tradições artisticas e das que mais alto teem conseguido levantar o seu nome na industria musical de todo o mundo.

Fundada pelo celebre compositor Ignacio Pleyel em 1807, fortemente estimulada nos seus inicios pelo auctorizado apoio moral de Frederico Chopin, tendo acompanhado, um a um, todos os progressos que successivamente se foram introduzindo na cons-

trucção do piano, e concorrendo, ella propria, para a mór parte d'esses progressos, a casa Pleyel tem largo direito a solemnisar o proprio centenário, pela fórma, perduravel e eminentemente artistica, como acaba de fazel-o. Ainda que um pouco tardiamente, pois já decorreram mais de dois annos depois da data exacta do centenário, o actual chefe da casa e nosso distincto amigo, Gustave Lyon, abriu um Concurso entre os medalhistas francezes para a composição de uma *plaque* commemorativa, attribuindo

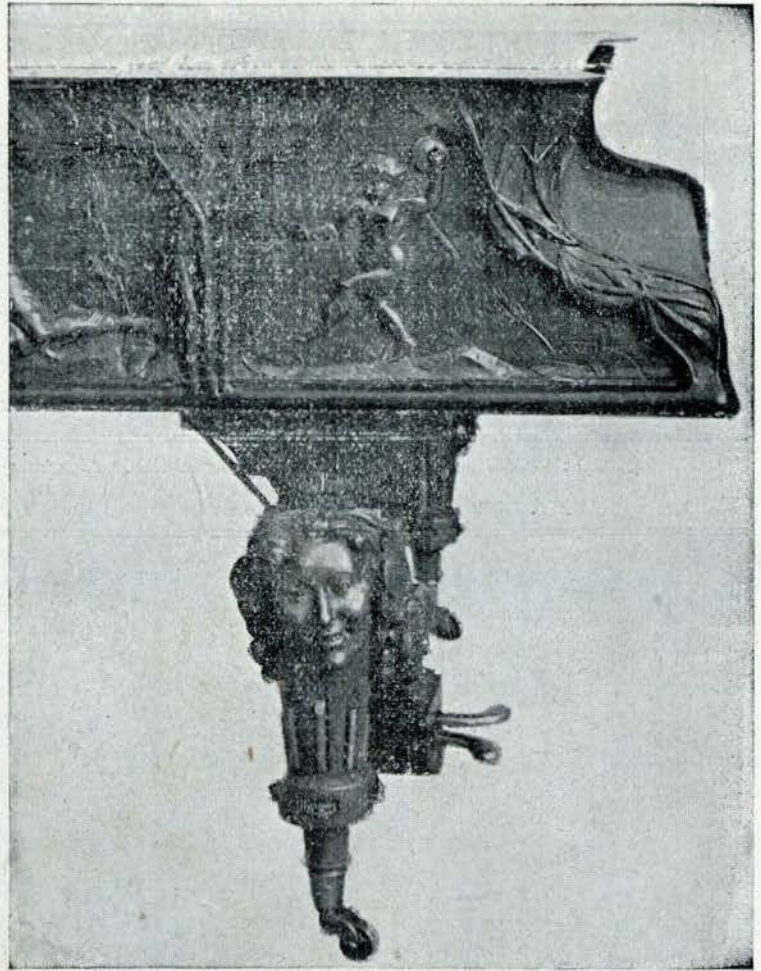
premios pecuniarios aos projectos que melhor classificação obtivessem do jury artistico para esse effeito nomeado.

Acaba de ser conferido o primeiro premio á *plaque* d'Eliza Beetz, que reproduzimos no começo d'este artigo, e que se distingue realmente não só pelo valor symbolico, que corresponde por completo ás intenções do Concurso, mas ainda pela extrema perfeição artistica da factura. Vê-se no anverso o piano e a harpa—os dois instrumentos, em que se objectivaram durante um seculo os principaes trabalhos d'esta grande casa; no reverso, os perfis dos fundadores e directores da fabrica, Ignacio e Camillo Pleyel, Augusto Wolff e Gustavo Lyon, e por baixo das datas, maravilhosamente tocada, a cabeça de Chopin.

A historia secular d'esta notavel casa constructora é demasiado complexa e movimentada para que possa descrever-se n'um artigo de jornal; mas está de tal modo ligada á historia da musica franceza em todo o seculo XIX, que não resistimos ao prazer de lhe citar os principaes topicos.

Nasceu Ignacio José Pleyel em 1757, em Rappersthal, pequeno burgo proximo de Vienna. Era o 24º filho de um pobre mestre escola, de nome Martin Pleyel, casado com uma senhora de boa nobreza, mas desherdada pelos paes por causa da desigualdade d'esse matrimonio.

Aos 15 annos, conquistara Ignacio Pleyel a protecção de um grande senhor hungaro, o conde Erdödy, que notando-lhe extraordinarias aptidões musicaes, o confiou a Haydn e outros mestres de fama, nomeando-o por fim seu mestre de capella e fornecendo-lhe os meios para ir visitar os principaes centros artisticos da Italia. Como se vê, este Erdödy não era um protector vulgar e não seguia positivamente o exemplo dos nobres d'aquelle tempo, que ligavam tanta importancia ao artista musico como ao cosinheiro do palacio. Interessava-se a valer pelo seu pupillo e não hesitou em preparar-lhe uma boa carreira, como ao diante se verá. Não tardou que o rei de Napoles lhe



confiasse a composição de uma opera e lhe facilitasse a execução d'ella no theatro de S. Carlos, onde foi acolhida com exito. Os seus quartetos e symphonias tambem se tornaram apreciados na Allemanha, em França e na Inglaterra.

Em 1783, fixava-se Ignacio Pleyel em Strasburgo, ahi se casava com a filha de um fabricante de moveis, Lefebvre, e alguns annos depois, por morte de Richter, assumia as funcções de organista e mestre de capella da cathedral, funcções que a Revolução lhe não deixou exercer por muito tempo. Fechadas as egrejas, retirou-se Pleyel para uma pequena casa de campo que havia adquirido; mas, só durante um anno, foi denunciado sete vezes ao tribunal revolucionario, sob pretexto de entreter relações com alguns grandes personagens estrangeiros e ter dado lições a varias princezas!

Preso e julgado summariamente, ia ser condemnado á morte, quando um dos juizes que havia feito um drama em verso para commemorar o anniversario de 18 de agosto, se lembrou de propôr ao infeliz artista que

Ihe puzesse o tal drama em musica, sendo bastante essa prova, dizia elle, para se ajuizar das opiniões politicas do compositor, conforme o grau maior ou menor de elevação e enthusiasmo que elle puzesse na sua obra. Felizes tempos aquelles em que os poetas tinham á sua disposição a guilhotina para impôr os seus manuscripts!

ca na *Rue Neuve des Petits Champs*. Fez-se editor de si proprio e dos mestres seus contemporaneos, como Haydn, Mehul, Beethoven, Boieldieu, Boccherini, Steibelt, Dussek, Kalkbrenner, Rouget de l'Isle, Clementi, Cherubini, Hummel, Moscheles, Kreutzer, e muitos outros.

Seu filho Camillo já viajava pela Allema-



PIANO PLEYEL

Em pau-setim e mogno, pyrogravado

Será inutil dizer-se que o pobre Pleyel accitou a prova sem discutir, e apesar de não dispôr senão de sete dias e sete noites, o seu trabalho orchestral mereceu a plena aprovação dos *sans-culottes*, que o levaram em triumpho até ao modesto asylo onde a familia o esperava com a anciedade que se póde suppôr.

Em 1795 partia para Paris e abria uma loje-

nha e as informações que de lá mandava para a familia acerca dos grandes compositores da epoca são realmente dignas de citação. As que se referem a Beethoven são extremamente curiosas. Dizia elle em uma das cartas: —On nous a menés chez Beethoven. C'est un petit trapu, le visage grêlé et d'un abord très malhonnête. Cependant, quand il a su que c'était Pleyel, il est devenu un

peu plus honnête, mais comme il avait affaire, nous n'avons pu l'entendre.»

Dias depois informa mais largamente: — «Enfin j'ai entendu Beethoven. Il a joué une sonate de sa composition et Lamare l'a accompagné. Il a infiniment d'exécution, mais il n'a pas d'école, et son exécution n'est pas finie, c'est-à-dire que son jeu n'est pas pur. Il a beaucoup de feu, mais il tape un peu trop; il fait des difficultés diaboliques, mais il ne les fait pas tout à fait nettes.»

(Continúa.)



PRIMEIRO CENTENARIO

DE

ALEXANDRE HERCULANO

28 de Março de 1810 a 28 de Março de 1910

OS INFANTES EM CEUTA

(1415)

Drama lyrico em um acto,
composto expressamente para ser cantado
na **Academia Philharmonica de Lisboa**, em a noite
de 28 de março de 1844,
anniversario da sua installação

A musica pelo Sr. A. L. MIRÓ

O texto pelo Sr. A. HERCULANO

Socios Honorarios da Academia

(Emblema Lyrico)

LISBOA

Typ. da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis, Largo do Pelourinho, n.º 24—1844.

Tal é o frontispicio de um *libretto* que está presente, já hoje raro, escripto em portuguez, sendo em portuguez cantado e representado o poema de que elle é objecto. Deste poema foi auctor, como se vê, **Alexandre Herculano**.

Duas commemorações na mesma noite; — a da installação da celebre *Academia Philharmonica Lisbonense*, e a do anniversario natalicio do poeta.

Alexandre Herculano, nascido a 28 de março de 1810, completára nesse dia os seus 34 annos. Quantos annos fazia a presente *Philharmonica* não averiguámos, não por indifferença, mas por falta de occasião. Não é sem justificado motivo que se costuma affirmar ser hoje mais facil saber-se

qualquer historia do seculo XVI, do que apurar-se qualquer facto do seculo XIX.

Herculano incorporando «*Os Infantes em Ceuta*» na colleccionação, que em 1850 levou a effeito, das suas *Poesias*, estampou o *libretto*, sem o terceiro dos attractivos que elle poderia inspirar ao leitor curioso, depois da poesia, e da urdidura do poema; — sem a indicação dos amadores dos dois sexos interpretes da *operetta* que o inspirado Miró, o Miró da *Marquesa*, de que ainda agora trauteamos trêchos, instrumentou.

E comtudo! — que **Herculano**, dormindo o eterno somno no sumptuoso sarcophago dos Jeronymos, e Antonio Luis Miró, hoje pouco menos que esquecido, nos perdoem! — E comtudo, quanto ficou do poema, quanto terá restado do trabalho musical, cuja partitura acaso estará perdida, que será, perante a melancolica evocação das figuras, damas e cavalheiros, que cantaram os *Infantes em Ceuta*, na noute prestigiosa que passou ha hoje exactamente **66** annos?!

* * *

Seis figuras no poema; tres damas e tres cavalheiros.

Eis as correspondencias no *libretto*, tal qual as copiamos:

D. Duarte ..	Ill. ^{mo} sr.	Eduardo Bourgard.
D. Pedro ...	»	Eduardo dos Santos Schmitz.
D. Henrique	»	Julio Cesar Galvim Torres.
Gulnar	Ex. ^{ma} Sr. ^a	D. Carlota O'Neill.
Lobna	»	D. Maria Nilo.
Haleva	»	D. Maria Augusta Leal.

Nos côros figuram 30 damas, e 25 cavalheiros.

Entre as damas, ha 3 Quintella, D. Marianna, D. Carlota e D. Palmira; 2 O'Neill, D. Carolina de Brito e D. Virginia; 3 Guimarães, D. Rita, D. Cesaltina e D. Isabel; 2 Teixeira, D. Maria Carlota e D. Mathilde Rita; 2 Stelling, D. Josefa e D. Maria Juliana; 5 Benevides, D. Maria da Gloria, D. Eugenia, D. Gertrudes, D. Frederica e D. Adelaide; 2 Travessa, D. Constança e D. Gertrudes.

Ha ainda mais as seguintes: D. Anna Miquelina Rosa, D. Emilia Mauriti, D. Olimpia Bourquin, D. Candida Villela d'Oliveira, D. Emilia Bohlman, D. Carlota Emilia Feio Folque, D. Emilia Carvalho, D. Henriqueta de Freitas, D. Maria Candida da Costa, D. Julia Horta, D. Maria Carolina Guedes.

Os cavalheiros eram :

Condes de Paraty e de Redondo, este, pae do sr. Marquês de Borba, privilegiados amadores, a quem a Musica deve o mais entranhado culto, D. João Luiz de Sousa Coutinho, irmão do Conde de Redondo, linda voz de tenor, ainda agora lembrada ; Joaquim Miró filho do *maestro* auctor da musica desta *operetta*, Manoel Maria Bordallo Pinheiro, bella voz baritonal, Jorge Cesar de Figanière, antigo membro do Conservatorio Real de Lisboa, auctor da tão estimada *Bibliographia historica Portuguesa*.

A par destas, outras tambem muito estimadas e distinctas figuras da sociedade portugueza, desta primeira metade do passado seculo : Armand Duprat, Francisco de Paula Sanctiago, Joaquim Coelho de Athayde, Gaspar Schindler Junior, Carlos Nilo, filho do celebre medico José Romão Rodrigues Nilo, tão conhecido pela sua therapeutica dos «banhos de vapor», como por seus avisos e diagnosticos ácerca da *cholera morbus* (1832-1833).

Diogo Garland, membro da respeitavel familia inglêsa deste appellido, firma tão antiga e conceituada da nossa praça, João da Costa Chaves Junior, Antonio Candido Ferreira de Carvalho, Severo Bettencourt, Miguel da Silva, João Sebastião Serrão, Thomaz Maria Servo, outro representante de uma antiga firma commercial lisbonense, Daniel de Sousa Amado, Augusto Morales, João Chrisostomo Pinto Vieira, Francisco Henriques d'Oliveira e Joaquim Porphyrio d'Oliveira, Joaquim Pereira Peixoto e João Rodrigues Teixeira de Araujo.

Gulnar, a filha do vencido Wali Çalabensulá, governador de Ceuta, meditando vingar a morte de seu pae, mostra-se, na scena III, rodeada de donzellas arabes que entoam canticos ao som de harpas. As duas distinctas harpistas que na orchestra sustentavam a rubrica do poema eram as senhoras D. Maria Christina Chaves e D. Josefina Clarisse de Oliveira, que suppomos existir ainda.

Das tres damas que interpretavam este drama lyrico, foi notavel D. Carlota O'Neill, cuja biographia se póde ler no *Diccionario Biographico dos Musicos Portuguezes*, do nosso presado amigo sr. Ernesto Vieira. Sua mãe, D. Carolina de Brito O'Neill, fica mencionada no côro das damas.

* * *

Não foram só os distinctos amadores que deixamos lembrados que executaram na *Academia Philarmónica* a *operetta* de que

A. Herculano foi auctor, e Miró instrumentou. Não se limitou a esta só recita, na séde da *Academia*, a apresentação dos *Infantes em Ceuta*. Miró, o *maestro* que lhe compusera a musica, levou-a a S. Carlos, e na noute de 31 de março, 1845, isto é, um anno e dias após a recita da *Academia Philarmónica*, ouviram-se neste theatro «duas peças» dos *Infantes*.

Silva Leal, dando a noticia do facto no jornal *A Illustração*, vol. I, pag. 4, assim se exprime, sem que nós possamos bem entender que quere elle dizer por taes termos. São duas scenas do poema ? Talvez, porque constando elle de X scenas, a 1.^a, a 3.^a e a 6.^a teem scenario diverso, e a 7.^a repete o scenario da 3.^a.

Serão duas arias, dois *duettos*, dois *tercetos*, concertantes, côros, ou que seria ?

Fosse o que fosse, certo é que Silva Leal accrescentou :

«A poesia percebia-se pouco, é verdade, mas eram estrangeiros que cantavam n'uma lingua que alguns d'elles pela primeira vez pronunciavam.»

Segundo o mesmo informador, a musica era «bellissima», e fôra applaudida com enthusiasmo, sendo o compositor chamado ao proscenio.

* * *

Diligenciar encontrar a *partitura*, talvez archivada no archivo de S. Carlos, ensaiá-la, e cantá-la em qualquer dos dois treatros, D. Amelia ou Trindade, até 29 de abril, termo do periodo commemorativo deste Centenario, não será talvez difficil que o realisasse a nossa briosas *Academia dos Amadores de Musica*.

G. DE B.



Curiosidades musicas

(Continuado do n.º anterior)

XLVI

Eugenio Bartholomeu Boccanera

Era cantôr da Patriarchal, não tendo chegado até nós, que se saiba, o menor echo do seu merecimento artistico e o seu nôme teria baixado ao abysmo do esquecimento, se não apparecesse firmando algumas produções litterarias e poeticas, que tambem não podem servir de garantia á sua immortalidade.

dade. Todas são de character politico, revelando n'ellas o seu auctôr o affecto que dedicava á causa de D. Miguel.

O sr. Ernesto Vieira inscreve no seu Dicionario, especializando tres dos seus opusculos, o primeiro dos quaes, redigido em portuguez, se intitula: «*Vós da Verdade aos portugueses, por Eugenio Bartholomeu Boccanera, Italiano de Nação*. Lisboa, na impressão Regia. 1831.»

Terminando a sua resenha bibliographica, o sr. Ernesto Vieira escreve estas palavras: Nem o «Dicionario Bibliographico» de Innocencio, nem o respectivo «Supplemento» do sr. Brito Aranha, mencionam estas publicações de Eugenio Boccanera.»

Effectivamente nem Innocencio da Silva, nem o seu continuadôr incluíram Boccanera na sua obra, certamente por o julgarem italiano, ignorando que elle tivesse publicado qualquer cousa no nosso idioma. No entanto, ao relacionar as obras poeticas de José Agostinho de Macedo (Dicionario Bibliog. vol. IV, pag. 190) Innocencio aponta a seguinte, sob o numero 2192:

Obras poeticas italianas, analogas á feliz chegada a esta capital de sua Alteza Serenissima o sr. infante D. Miguel, etc. Auctor Eugenio Bartholomeu Boccanera, e tradusidas em Portuguez, Lisboa, na Typ. de R. G. de Carvalho, 1828, 4.º de 11 paginas com o texto em frente »

Em 1892 publicou-se em Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel) a segunda edição do *Ensaio Bibliographico. Catalogo das obras nacionaes e estrangeiras, relativas aos successos politicos de Portugal nos annos de 1828 a 1834*. E' seu auctor o dr. Ernesto do Canto, pertencente a uma illustre familia de açoreanos, hoje representada pelo sr. Eugenio do Canto, que prosegue as gloriosas tradições de seus irmãos, José e Ernesto, apaixonados bibliographilos e indefessos investigadores da historia do archipelago dos Açores.

Ernesto do Canto consagra no seu catalogo um artigo especial a Eugenio Bartholomeu Boccanera e n'elle descreve quatro producções suas, deixando todavia de mencionar a *Voz da Verdade*.

Os artigos do sr. Ernesto Vieira e de Ernesto do Canto completam-se mutuamente, sendo natural que ainda venham a apparecer documentos sobre a vida de Boccanera, cujas particularidades nem um nem outro esclarecem, deixando de indicar-nos

a época da sua morte e qual o destino que tivera durante e depois das commoções politicas, em que tomou parte com a penna.

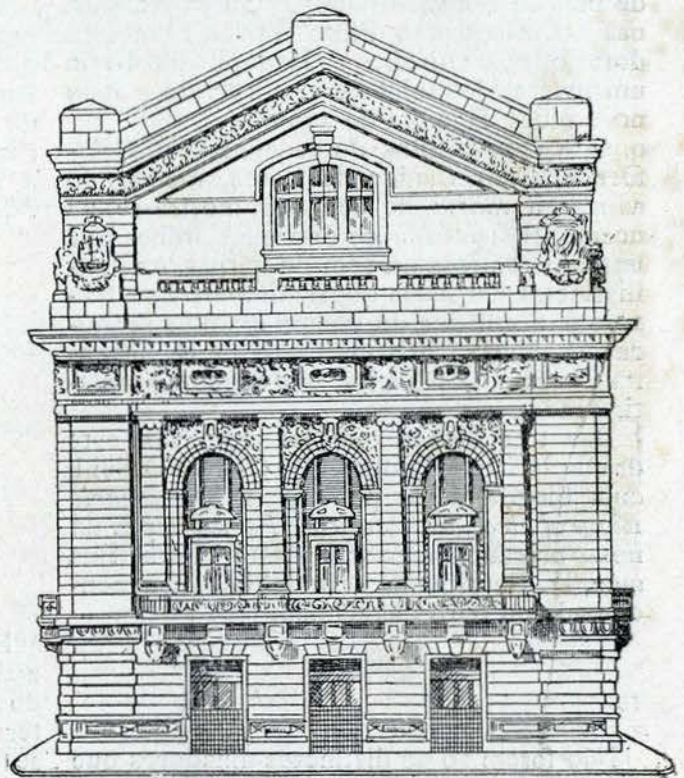
SOUSA VITERBO.



O THEATRO LIRICO DO PORTO

Vão iniciar-se em breve os trabalhos para a construcção do theatro lirico que ha-de substituir o de S. João, tão cheio de historia e de recordações amaveis, que um incendio certa manhã destruiu, reduzindo a um montão de madeiramentos carbonizados e de cantarias aluidas a velha casa de espectaculos que D. Francisco d'Almada fizera edificar. Da futura construcção damos hoje em photographia a fachada principal. O estylo é o do reinado de Luiz XVI, nos seus motivos decoraes, com reminiscencias de Renascença, que mais fazem avultar, na nitidez, na pureza das suas linhas e dos seus themas ornamentaes, a graça, o encanto da architectura.

O projecto, que pertence ao sr. Marques da Silva, illustre architecto portuense educado nas escolas de Paris, suscitou uma vi-



Theatro lirico do Porto.—Fachada principal

va discussão na imprensa, por n'elle haver traços de semelhança com o theatro de Amiens. Não pretendemos reavivar, na nossa revista, esse conflicto. Diremos, no entanto, que na architectura ha leis immutaveis, regras fixas, e que dois monumentos feitos dentro do mesmo estylo, hão-de fatalmente parecer-se, por mais de um detalhe. Este incidente de resto é secundario, pois não importa que o Porto venha a possuir um theatro identico ao de Amiens. O que se exige é que esse theatro seja bello como arte e que as suas installações se valorisem pelo modernismo hoje indispensavel a casas d'esta ordem. Ora, sob este ponto de vista, temos de reconhecer que o projecto do futuro theatro é notavel.

A sala, comportará mil tresentos e oitenta logares distribuidos por frisas, camarotes de primeira e segunda ordem, balcões e galerias. As escadarias, elegantes e bem lançadas, não esconderão as pessoas que por baixo d'ellas circularem. No plano das primeiras galerias ficará um *foyer* amplo, e sobre o telhado haverá um largo terraço, em cimento.

O theatro de S. João vae, portanto, resurgir dos seus escombros, na ondulação aerea, na belleza, no esplendor das puras fórmas architectonicas, com um novo enlevo para os olhos dos contempladores. No sitio onde outr'ora se erguia um vasto e espesso edificio de paredes nuas, pezado e forte, e que apenas se destacava pela gracilidade encantadora e suggestiva da sua sala, elevar-se-ha um verdadeiro theatro moderno, na leveza, no mimo, na poesia da sua decoração, em que haverá as figuras e as grinaldas de rosas, formando deliciosas allegorias. E voltarão as noites suaves de festa e de gala, com as mulheres formosas fazendo a illuminura galante dos camarotes e resplandecendo do fulgurante brilho das joias, como nos tempos passados que os poetas eternisaram em doces e evocadoras paginas !



Na ultima cronica de S. Carlos, falando a respeito da partitura do *Hansel e Gretel*, pag. 52, dissemos : «A' excepção da bruxa, do vassoureiro e de sua mulher, todas as personagens da fabula deveriam ser desempenhadas por crianças, que não poderiam

satisfazer ás exigencias da partitura. Este inconveniente e o caracter de magica que o 2.º e 3.º quadros nos dão, reunidos á simplicidade da melodia cantada, faz com que os menos prevenidos e atentos á instrumentação não deem á musica do *Hansel e Gretel* a superior estima que realmente lhe é devida.»

No acto da paginação desapareceu aquéla negativa, que agora grifamos, e com esta eliminação completamente ficou alterado o sentido do que desejavamos afirmar.

No dia 14 tivemos uma nova edição do *Rigolêto* com a sr.ª Scafidi, o tenôr Carpi e o baritono Nani. Aquéla, com muito menos voz do que no principio da época lirica, por certo ficou grata á muita benevolencia do auditorio. O tenôr Carpi em maré de *smorzare* aproveitou todos os ensejos para mostrar as suas longas respirações, de que muito abusou. Acabou por arranjar uma volata com que terminou a canção da *donna é mobile*, no que foi muito infeliz. O sr. Nani apresentou-se espaventosamente vestido de bôbo, mas o seu Rigolêto não fascinou nem comoveu o auditorio.

Esta edição do *Rigolêto* não deu lugar a repetições.

Da *Cavalleria rusticana*, com uma sr.ª Clara Joana e os srs. De Tura e Rossi é melhor não falarmos.

A *Africana* das noites de 19 e 20 tambem nos não deixou saudades. O trabalho da sr.ª Judice da Costa, que podia ter algum valôr, como d'isso deu provas no 5.º acto que mereceu aplausos, foi sacrificado pelo desastado tenôr Biel, que no fim da época nos veio convencer de que a sua voz está em completa decadencia. O baritono Galeffi podia ser um excelente Nelusko se a sua magnifica voz tivesse a educação musical requerida pelas operas do velho repertorio.

Os côros foram bem ensaiados e, á excepção de um ou outro elemento mais rebelde de afinação, agradaram especialmente no terceiro acto.

Verdadeiramente sensacionaes nesta quinzena foram as ultimas recitas da sr.ª Rosina Storchio com a *Manon*, e a sua despedida com a *Traviata*, na 6.ª *matinée* em 20 do corrente.

Com a *Gioconda* terminou na dia 22 a época lirica italiana, que apenas nos proporcionou algumas noites de verdadeiro prazer com as recitas em que tomou parte a sr.ª Storchio e o baritono De Luca. E bem poucas foram essas noites, porque, com De Luca, apenas se tornaram notaveis as duas noites de *Rigolêto* e as duas de *Othello*. Com os tres espectaculos de *Traviata* e

dois da *Manon* pela sr.^a Storchio nas recitas da assinatura ordinaria, somam nove espectáculos bons em 60 recitas de assinatura, o que é realmente bem pouco. Isto, a par de uma orquestra mal organizada e infelizmente dirigida, com uns còros quase sempre insubmissos á batuta e rebeldes á afinação, não é caso para que os assinantes estejam muito gratos á empresa. Sabemos que os tenõres bons se pagam muito bem e não são para o S. Carlos de Lisboa. Mas este ano a percentagem de recitas más foi excessiva. E já não temos esperanças de melhor.

Março, 27.

EETEVES LISBOA.



Correspondencia

De Paris

A evolução da melodia no século XVIII. — *La Fille du Soleil* — Um bello donativo. Dois nòvos dramas liricos. Concêrtos. Uma noticia... americana.

Perante um numerôso e escolhido publico, realisou M. Bourganet-Ducoudray, na sala de *l'Université des Annales*, uma interessante conferencia, tomando por tẽma, a evolução da melodia no século XVIII, e dissertando esplendidamente, com o valiõso concurso de M.^{me} Auguez de Monsalant e de M. Lucien Berton, que cantaram várias melodias de Monteverde, Rameau, Monsi-gni, Grétry, Haydn, etc. O illustre conferente afirmou que a música anterior ao décimo-oitavo século, ignorava a melodia, fazendo a istória da ópera-cômica em França. No ano de 1753, os italianos trouxeram a ópera-bouffe. E de detálhe em detálhe, M. Bourganet-Ducoudray, terminou a sua conferencia, pedindo que o teatro da Opera Cômica — montasse várias obras primas do décimo-oitavo século, a fim de se rendêr uma justissima homenagem ao génio francês, sendo entusiasticamente aplaudido.

— M. André SAILHARD, vem dirigir os últimos ensaios da sua ópera, *La Fille du Soleil*, que deve ser representada na *Opera* a 3, 5 e 7 de abril próximo. O bailado será dançado por M^{elles} Zambelli, Lozeron, Brémont, Berthe Lequieu, com todo o cõr-

po de baile. Os 200 coristas e os 150 executantes, continuam trabalhando afincadamente, para que a audição, seja um verdadeiro acontecimento musical.

— Um generoso anónimo, acaba de enviar á *Associação Nacional dos Artistas não profissionais*, organizada recentemente por M. Victor Charpentier e presidida pêlo illustre compositor Saint-Saëns, a quantia de mil francos, destinada a desenvolver esta interessante e util associação, que tem por fim realisar grandes e numerosas festas musicas e defendêr e ajudar as sociedades de amadores.

— M. Ernest Moret, está terminando um drama lirico, extraido do bello trabalho de Alfred de Musset, *Le Lorenzaccio*, destinando-o para o teatro de l'Opéra-Comique.

— Com o titulo *Céleste*, um joven compositor de muito futuro, M. Emile Trépard, concluiu e fêz ouvir a M. Albert Carré, um drama lirico em quatro actos, que o director do mêsmo teatro aceitou immediatamente.

— M.^{me} Lilli Lehmann, a notavel interprete de Wagner, Mozart, Schubert e Schumann, a instancias de uma outra illustre artista, M.^{me} Madeleine Lemaire, acedeu a vir de Berlim expressamente, para dar dois *Récitals* de melodias, o que na Allemanha classificam de *Lieder Abend*, com o concurso de MM. Reynaldo Hahn, Jacques Milaud e *La Société Moderne d'Instruments à vent*. As duas interessantissimas audições realisaram-se hoje e na quinta-feira, na sala de *l'Université des Arts*.

— Conta um jornal, que o chefe da orquestra do *Zoological Garden*, de New-York, tẽve a genial ideia de dar um concêrto aos *delicados* habitantes do referido jardim. E eis, cõmo o referido periódico narra a impressão produzida no *selecto* auditório: «Avançaram-se as jaulas e collocaram-se em vólta dos sessenta executantes e eis o que se passou: escutando uma melodia, um gigantêso elefante, verteu copiosas lagrimas; os lóbos e os tigres, fecharam as palpebras, num extasi profundo; dois possantes leões, que devoravam avidamente cubiçados pedaços de carne, abandonaram-n'os, para ouvir a deliciõsa musica, o mêsmo que succedeu aos veados, aos ursos, etc. Uma valsa de Strauss, quasi que os adormeceu, e a *Marcha Funebre* de Chopin, arrancou dolorõsos urros, a todos os animais, sem excepção...»

Pobre — *Marcha Funebre* — de Chopin!

Paris, março, 22

CARLOS CILIA DE LEMOS.



No dia 15 deu a *Real Academia de Amadores* o seu concerto de numero, com o concurso das illustres amadoras, D. Arminha de Sousa, D. Hilda King e D. Isabel De Vecchi Neves, que foram muito festejadas.

A orchestra tocou a abertura do *Ruy Blas* de Mendelssohn, uma parte da symphonia de Haydn, *La Reine*, a *Simphonia incompleta* de Schubert, *Trois Pièces* de Dubois e a marcha do *Tannhauser*, tudo sob a regencia do distincto maestro George Wendling.

*

No sabado 19 tivemos o prazer de assistir a uma *matinée* em casa do illustre professor Rey Colaço tendo-se executado o seguinte programma :

- | | |
|---|------------|
| I <i>Suite enfantine</i> | ARENKY. |
| M. elles Magdalena Castro Freire e Amelia Rey Colaço. | |
| II a) <i>Au Soir</i> | } SCHUMANN |
| b) <i>Elévation</i> | |
| M. elle Olga Ferreira Pinto. | |
| III a) <i>Mazurka</i> em dó..... | } CHOPIN |
| b) <i>Polacca</i> em dó menor.. | |
| M. elle Maria Rey Colaço. | |
| IV <i>Sonata em fá</i> | MARCELLO |
| para piano e violoncello. | |
| Mr. Somers Cocks e Ex. ^{mo} sr. Leonardo Castro Freire. | |
| V <i>Carnaval de Vienna</i> .. | SCHUMANN |
| M. elle Felicidade Pereira. | |
| VI <i>Variações</i> a dois pianos sobre um thema de Haydn.... | BRAHMS |
| M. elle Jeanne Rey Colaço e Ex. ^{mo} sr. Leonardo Castro Freire. | |

Ouvindo os discipulos de Rey Colaço transvê-se a cada passo a mão segura que os conduz e admira-se a precisão de technica, o mimo da dicção que constituem outras tan-

tas qualidades do mestre e que, seja dito em verdade, alguns dos discipulos apresentados teem conseguido assimilar com raro talento. Não especialisaremos os que n'este programma se podem já considerar artistas feitos; seria desanimador para os outros, para aquelles que pela tenra idade ou pelo pouco tempo de estudo, não tenham ainda attingido a perfeição dos primeiros. O certo é que a todos, e muito em especial a Colaço, se podem dar os mais entusiasticos applausos. Por motivo de força maior não tomou parte no concerto m.^{lle} Bivar. A pedido de Colaço, m.^{me} Kendal deu-nos occasião de mais uma vez ouvirmos a sua lindissima voz, e ao piano executou muito bem um nocturno de Chopin. Mr. Somers Cocks executou com extrema correcção no seu lindo Stradivari a *Sonata de Marcello*.

C. M.

*

No domingo, 20, realisou o professôr Bahia, uma *matinée* de discipulos (entre os quaes alguns começantes), evidenciando todos a optima escola pianistica que distingue o illustre leccionista e que lhe tem valido a exellente posição que occupa no nosso professorado.

Os alumnos que d'esta vez se apresentaram foram Eugenia G. Monteiro, Maria Luiza Arriaga, Eléonore d'Argent, Florentine Guérin, Augusto Gonçalves e Francisco Eduardo Baptista.

*

Por gentil offerecimento da sr.^a D. Henriqueta Garcia da Silva realisou-se tambem a 20 na sua bella residencia da rua Barata Salgueiro uma audição musical dos alumnos da professora de piano D. Carolina Rodrigues Ferreira e professor de bandolim Manoel Carlos Gomes, dois nomes justamente conceituados na sua classe.

O programma, composto de obras de valor e de auctores todos consagrados, teve por parte dos executantes uma execução digna dos applausos e louvores que lhe tributou a escolhida assistencia, numeros havendo que provocaram entusiasmo.

Emfim, uma festa que proporcionou aos dois sympathicos profissionaes o ensejo de mostrarem o resultado da sua acção educativa e ao mesmo tempo lhes demonstrou quanto são queridos.

*

Na quarta-feira 23, teve lugar no salão do Conservatorio um concerto espirital, promovido pela *Schola Cantorum*, executando-

se alguns trechos da celebre Paixão, segundo S. Matheus, de Bach.

O maestro Sarti, fundador d'esta tão util instituição, e seu director artistico, tem procurado sempre, valendo-se dos elementos de que dispõe, fazer executar as obras mais celebres de musica sacra, dando assim um notavel impulso ao desenvolvimento da arte, no nosso acanhado meio musical.

Mas, se somos os primeiros a collocar-nos ao lado do distincto maestro, n'uma propaganda que necessariamente deve produzir, mais tarde, os mais benéficos resultados, não concordamos em absoluto com a forma que o maestro Sarti está presentemente adoptando, na organização dos programmas, e orientação de trabalhos para a sua execução.

E' a *Paixão* de Bach, uma obra verdadeiramente grande, um monumento, em que se não deve bulir senão com o maior respeito e veneração. Admittamos que, demasiado longa, se supprimissem alguns numeros, o que já representa uma profanação pouco toleravel em obra de tal vulto, mas nunca fazerem-se córtes que prejudicam o desenho melodico, e muito menos substituirem-se compassos com o fim de facilitar a execução.

Desculpe-nos o illustre maestro a nossa rude franqueza, apontando-lhe factos com que não podemos concordar, e bem assim significar lhe quanto nos pesa vêr o pouco cuidado que houve no apuro da parte orchestral, que se mostrou hesitante por falta de ensaios.

Em compensação os córos mostraram-se notavelmente firmes, afinados e attentos á batuta, o que é motivo para elogiarmos o maestro Sarti, que mais uma vez provou a sua extraordinaria competencia n'este genero de trabalho.

Como solistas tivemos o prazer de ouvir as sr.^{as} D. Maria Helena Shirley, D. Palmyra Cardoso Joyce, D. Martha e D. Isabel Barahona Vieira, D. Maria Luiza Ochôa e o sr. Leon Jamet.

Não podemos deixar de nos referir muito especialmente ao acompanhamento de flauta na *Aria, Pour vous le Juste*, executado pelo sr. José Henrique dos Santos, um dos nossos mais valorosos artistas, e que teve a honra de bis, assim como o acompanhamento de violoncello no recitativo e *aria Viens Sainte Crois*, a cargo do distincto amator Mr. Somers Cocks.

L. C.

Associação de Classe dos Musicos Portuguezes

Reuniu no dia 17 do corrente em uma das salas do Atheneu Commercial, a assembléa geral d'esta associação, para a direcção dar conta dos seus trabalhos junto das empresas de theatros e cinematographos da capital, no sentido de obter d'ellas a acceitação do seu regulamento interno, na parte referente a essas casas de espectaculo e ás tabellas de preços minimos correspondentes.

Aberta a sessão pelo ex.^{mo} sr. Ernesto Vieira, presidente da assembléa geral, foi pelo mesmo senhor proposto que fosse nomeado socio honorario o distincto actor A. Pinheiro como prova de congratulação e manifestação de grande sympathia, por quem tem prestado tão grandes serviços á sua classe, e que isto se lhe communicasse por officio assim como á direcção d'aquella Associação.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. João Carlos da Costa que em nome da direcção fez o relato minucioso do que se havia passado, principiando por dizer que a carta circular que em nome da direcção havia sido expedida a todos os socios, incitando-os a unirem-se para o grande empreendimento que ia tentar, fôra classificada de *canto amalectico*, na resposta cheia de considerandos que acompanhava a adhesão condicional de um socio. O sr. Costa disse que lhe parecia que effectivamente o termo tinha sido bem achado, pois que a carta havia produzido justamente o mesmo effeito d'aquelles canticos guerreiros, incitadores á lucta, pois que de ha seguramente trinta annos a esta parte, nunca se tinha effectuado uma assembléa tão concorrida, só de individuos da classe musical.

Estiveram 130 socios.

Estão inscriptos 320.

Mandaram adhesões 250.

Afirmou depois que quando uma classe está unida d'esta forma, póde contar com a victoria. Historiou ainda o que se havia passado com as empresas a quem se haviam dirigido, algumas das quaes acolheram amavelmente a direcção, prometendo-lhe estudar o regulamento e tabellas com boa vontade de serem agradaveis á classe.

Com respeito á empresa do Colyseu dos Recreios cujas reservas na acceitação do estipulado suscitaram viva discussão do escripto saber que depois de varias conferencias entre os interessados tudo está em via de se regularisar.

Quanto á tabella de serviços religiosos resolveu se que começasse a vigorar no dia 1 de julho, pelo motivo de não se poderem



alterar os orçamentos que as irmandades teem, approvados pelas auctoridades, os quaes terminam no fim do anno economico, em 30 de junho.



PORTUGAL

Sob o titulo de *Harmonias religiosas* publicou o professor Ernesto Vieira uma série de nove composições, de character sacro, para orgão ou harmonium, e dispostas por ordem progressiva de difficuldade.

Todos conhecem o merecimento artistico de Ernesto Vieira, e não precisamos encarecer o valor das suas composições; basta portanto annuncial-as, chamando sobre ellas a attenção do nosso pequeno mundo artistico, para que se espalhe rapidamente uma publicação, que vem preencher, sem a menor duvida, uma lacuna de ha muito existente na litteratura musical portugueza

Está dividida em 3 séries ou cadernos a interessante collecção e contém duas fugas, com os seus respectivos preludios, *Melodia, Oração, Pastoral, Canon a 2 vozes, Preludio, Interludio e Postludio*. Uma das fugas, a quatro vozes, é seguida da analyse minuciosa de cada um dos motivos e episodios.

*

No dia 4 do proximo mez deverá haver na *Illustração Portugueza* uma interessante audição de musica de piano e de canto, promovida pelas sr.^{as} D. Jeanne Collaço e D. Laura Wake Marques.

*

Do *Monte-Pio Philarmonico* recebemos o relatorio e contas da gerencia de 1909. Por esse documento se vê que o fundo social foi augmentado durante esse anno com réis 3:500\$000 nominaes, perfazendo actualmente um capital de 47:200\$000 nominaes (18:734\$650 réis). A differença entre o activo e o passivo é de cerca de 16 contos de réis, pelo que se pôde considerar realmente prospera a situação actual d'essa benemerita instituição de previdencia.

O *Monte-Pio Philarmonico*, que conta já tres quartos de seculo d'existencia, e que tem prestado relevantissimos serviços á classe dos musicos, tem actualmente 129 socios effectivos e 7 honorarios.

*

A 2 e 4 do mez proximo realisa o Orpheon Portuense dois concertos com o tenor Plamondon e o oboista Louis Bas, da Opera de Paris. Este ultimo tocará solos de oboé e de corn'inglez.

*

Proseguem os ensaios no Orpheon do Porto, de que é regente o sr. Raul Casimiro, e que deve apresentar-se brevemente ao publico n'um espectáculo de beneficencia, pois metade do producto é destinado ao cofre da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras d'aquella cidade.

*

Durante a época lirica italiana, qua em S. Carlos terminou em 22 do corrente, foram cantadas as seguintes operas: *Aida*, 9 vezes; *Gioconda*, 8 vezes; *La Wally*, 7; *Hansel e Gretel*, *Manon*, 6 vezes cada uma; *Carmen*, *Dannazione*, *Fausto*, *Sansão*, 5 vezes cada uma; *Cavallaria*, *Traviata*, 4; *Rigolêto* 3; *Africana*, *Otello*, *Palhaços*, duas vezes.

Para completar espectaculos foram uma noite cantados o 1.º e 4.º actos da *Carmen* e o 1.º e 2.º em outra noite. Do *Hansel e Gretel* tambem uma noite só foram cantados o 1.º e 2.º quadros.

Na recita de gala de 18 do corrente só foram cantados da *Manon* o 1.º, e 2.º actos e o 2.º quadro do 3.º acto

A *Viuva Alegre* foi cantada em 4 recitas extraordinarias.

ESTRANGEIRO

Temos sobre a carteira os quatro ultimos programmas dos Concertos Russos organisados em Paris pelo *Quatuor Lejeune*, e folgamos de vêr como este notavel grupo comprehendeu o alto fim de propaganda a que visou com a sua iniciativa. Figura effectivamente n'estes bellos programmas tudo o que a florescente escola russa, em musica vocal e de camara, tem produzido de mais saliente nos ultimos tempos: os quartetos de Borodine, Tschaikowski, Glazonnov, Kopylow, Glière, Pogojeff, Tanéïew, etc., e muitas das principaes obras de canto e de piano, executadas por Clara Schultz, Miguel-Alzieu, e Lazare Lévy.

Sobre a execução dos numeros de conjuncto, podemos fazer uma optima ideia pelas audições do *Quatuor Lejeune*, a que tivemos occasião d'assistir em Paris mais d'uma vez.

*

A nota musical mais interessante das grandiosas festas da Paixão em Sevilha, é a execução do *Miserere* d'Eslava, annunciada á *grand renfort de grosse caisse*, como uma

das attracções mais retumbantes e capazes de encher todas as medidas ao forasteiro... musico.

Acabo de a ouvir na Cathedral. Contra toda a minha expectativa e com todo o respeito devido á memoria d'Hilarion Eslava, declaro-a um *pasticcio* italiano, dos maus, sem elevação, sem originalidade e sem caracter. Decididamente os nossos ouvidos d'hoje não podem já supportar esta musica, e recordome o que uma vez me disse o abbade Perosi, quando lhe quiz mostrar algumas composições do Casimiro e do Marcos: — «E' inutil. Basta-me saber a época em que escreveram».

Assim está o Eslava. Escreveu na peor época. L.

*

O novo sultão auctorisou o governo turco a mandar construir em Constantinopla um Conservatorio musical.

A edificação será feita a expensas do estado.

*

Entre os novos livros publicados sobre assumptos musicaes, citam-se *Les Neutriens*, historia de um orpheon, por Jules Carlez, *Itudies in fugere*, por C. H. Kitson e uma interessante *Notice historique sur la vielle* do erudito Eugène de Bricqueville.



Falleceu com 70 annos, o sr. Henrique da Costa Monteiro, conhecido violeiro, cuja officina existia desde 1889 na rua das Adellas.

Era, que nos conste, o nosso unico violeiro-constructo, tendo levado 2 violinos de seu fabrico á Exposição Industrial dos Jeronymos, onde obteve medalha de prata.

Henrique Monteiro era habil reparador d'instrumentos d'arco e de pianos, mas, asoberbado pela concorrência estrangeira, nunca pôde desenvolver convenientemente a fabricação de violinos e violoncellos, em que quiz especialisar-se.

Deixa viuva, e era irmão do sr. Joaquim da Costa Monteiro, encarregado da casa de pianos Wagner.

*

Edouard Colonne

Para juntar á tristissima lista de mortos que *A Arte Musical* insere, trazem-nos os

jornaes em algumas linhas rapidas mais esta noticia desoladora e rude: falleceu Edouard Colonne.

Não é no apertado espaço de que, ao fechar o jornal, podemos dispor, que iremos falar do saudoso e illustre musico que a França n'este momento sinceramente pranteia e cuja memoria de certo commovidamente guardará entre as que mais venera.

E' que Colonne, o *charmeur* incomparavel, o maestro senhor da sua technica de director de orchestras, visionador privilegiado da alma de todos os grandes e immortaes auctores que nos fez conhecer e amar, é figura demasiado complexa para ser apreciada em meia duzia de linhas.

Pela sua acção educadora, pelo encanto que punha em todos os trechos que fazia executar, pelos dons diversos do seu espirito luminoso e culto, elle tem direito a uma mais larga commemoração e tel-a-ha.

No proximo numero, pois, prestaremos ao querido extincto que Lisboa mais de uma vez applaudiu calorosa, e reverenciou sincera, a homenagem modesta mas cordial que merece e que do coração lhe traremos.

*

A Espanha está atravessando um periodo lutuoso para a historia dos seus maestros

Ainda ha pouco foram Chapi e Chueca, agora segue-se Joaquim Valverde, o applaudido auctor de tantas zarzuellas, entre as quaes a nossa muito conhecida *La Gran Via* que é no seu genero uma pequenina obra prima.

Nascido em Badajoz a 27 de fevereiro de 1846 veiu em 1851 para Madrid e em 1859 quer dizer, uma creança, era contractado para a orchestra do Theatro do Principe, hoje Theatro Espanhol, onde se conservou até 1871.

Entrementes completava no Conservatorio a sua educação musical, e ali obteve varios premios em flauta, instrumento em que foi eximio, e em composição, onde viria a tornar-se tão distincto desde a sua primeira obra premiada a sinfonia do *Batilo* até ás suas ultimas zarzuellas, tantas das quaes se conservam nos cartazes dos theatros da especialidade, e cuja enumeração era de tal maneira longa que não podemos dá-la, bastando citar ao acaso: *El cisne azul*, *Rosalinda*, *El año sin juicio*, *La fiesta de San Isidro*, *Adios, Madrid*, *El centenario en la aldea* e outras cujos nomes o leitor conhece tambem como nós.

Descance em paz o indefesso e honrado trabalhador que tanto amou a sua arte e a sua terra.

GAVEAU Grande Fabrica
DE
PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888) - Moscow (1891) - Chicago (1893) -
Amsterdam (1895) - Paris (1900).

Diplomas d'Houora: Amsterdam (1883) - Antuerpia (1885) - Bruxellas
(1888)

Grand Prix: Hanoi (1893) - Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
× × pianos d'esta reputada fabrica × ×

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: - Anvers - Havre - Paris - Londres - Liverpool - New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN - LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000
Produção até hoje 120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours



Caressa 
&
 **Français**

Celebre

Violaria
parisiense

Violinos de superior fabrico
30\$000, 70\$000, 120\$000

Accessorios para Instrumentos d'arco
(Especialidade)

Representante
em Portugal **Lambertini**



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == **Stuttgart**

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

Professores de musica

Adella Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Amelia Cunha , professora de piano, <i>R. Rosa Araujo, 31, 1.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Arthur Trindade , professor de canto, <i>R. Barata Salgueiro, 11, 1.º</i>
Carlos Augusto Tavares d'Andrade , prof. de piano, <i>R. de S. Roque, 61, 2.º</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 12, C., 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>R. Conde Redondo, 35, 2.º</i>

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa